

QUINTA-FEIRA
Lisboa--17 de Dezembro de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2091



sempre
fiVe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

"ESCOLA DE MARIDOS"



Inexplicaveis coisas do público! A interessante comedia sofre, injustamente, o desinteresse dos maridos lisboetas. Terão estes a "escola toda", visto fazerem gazeta á "Escola" de D. Fernanda de Castro?



Os ditos da semana

A libra O «Sempre Fixe», que sabe de tudo, não tem desdouro algum em confessar que, excepcionalmente, não percebe nada de cambios. De libras percebe, mas não percebe de cambios senão daqueles de que uma vez por outra trata na sua secção Perez La chaise. Não podemos, todavia, deixar de registar que ultimamente, não se fala se não de libras. E quanto mais se fala, menos libras se veem. Parece que as libras são como a caça. A falacia espanta-as.

Mas alguma coisa ha. Se não houvesse nada ninguém falava.

Dizem que a libra desce, mas, nós que não percebemos nada de cambios, julgamos que a libra sobe, porque se ela estivesse baixa chegava-lhe a gente.

Mas então o que é que ha? Ha alguma coisa? Ha, falta de libras.

— Ahahah!

China-Japão Acabou-se a guerra entre a China e Japão.

A Sociedade das Nações, de cuja eficacia muita gente duvidava, demonstrou que tem força, e tem prestigio.

Agora se os amarelos se quizerem matar uns aos outros, tem de o fazer como até aqui — sem declaração de guerra. Bonito!

Vocações erradas Apareceu agora, no Brazil, um padre que faz curas maravilhosas. Observa o doente, recebe dele duas garrafas vazias e devolve-lhas cheias d'agua dizendo:

— Em nome de Dues eu te curo.

O doente bebe aquela agua benta e fica são como um pero.

E ainda ha para ai uns estupidos que passam anos e anos a estudar medicina para, no fim, nem sempre curarem a gente.

E se os medicos agora se puzessem a dizer missa?...

Quem vale mais? Mais uma da America. Verifica-se que a raça dos milionarios tende a desaparecer. Ha dois anos eram quinhentos e hoje não passam de cento e cinquenta.

Parecia naturalmente indicado que o governo americano tomasse medidas de protecção aos milionarios, semelhantes ás que já se tem tomado rela-

tivamente aos elefantes, quando estes começaram a escassear.

Ou na America, vale menos um milionario do que um elefante?

Justiça de preto Um telegrama da America, que é sempre donde veem estas coisas ultraordinarias, relatava o seguinte:

LEWISBURY (Virginia Occidental), 10. — Uma multidão composta por umas 60 pessoas foi á prisão local buscar dois negros que ali se encontravam e enforcou-os num poste telegrafico. Os dois negros encontravam-se presos por terem morto dois policiaes que haviam penetrado numa sala de dança negra.

Quando a aurora estava despontando, pararam á entrada da prisão alguns automoveis, cujos ocupantes mataram o policia que se encontrava de guarda. Aparentaram-se das chaves e levaram os presos, aterrorizados, em trajos nocturnos, enforcando-os e crivando de balas os dois corpos. — H.

Na America não se perdóa a mais pequena feita a um preto e a população é tão sedenta de justiça que não confia dos tribunais as penalidades a aplicar.

Quando o crime é grave a multidão gosta de fazer justiça por suas mãos e, dai, as frequentes linchagens de pretos.

Desta vez assim foi. Porque os pretos tinham assassinado dois brancos, a população resolveu desatrontar a raça inforcando os assassinos. E assim fez. Mas como, no caminho, encontrasse um policia tão branco como os outros dois que haviam sido mortos pelos pretos, começaram por matá-lo.

Isto faz-nos lembrar a historia daquela mãe que para evitar que o filho se encarrapitasse na janela e caísse á rua, lhe atirou com um banco que lhe partiu a cabeça.

Pelos modos o que aquela mãe estremosa não queria era que a cabeça do filho fosse rachada pelas pedras da calçada.

Cruz e Souza Cruz e Souza deu-nos mais duas obras. a obra 44 e a obra 45 — já é obra — porque elas são como as ruas de Nova York que, por já não haver nomes que chegassem, tiveram de ser numeradas.

O «Feno de Portugal», alem de ser uma excelente comida para vacas, é tambem um belo alimento para o espirito musical que Cruz e Souza condimentou com musica inspirada. E «Tu e só tu» é mais um tango sentimental com que Cruz e Souza nos põe a fazer beicinho. Só não se compreende como é que o auctor da letra fez uns versos tão tristes quando, segundo o seu nome indica, ele é a pessoa mais alegre deste mundo — Ah! Ah! Gonçalves...

Mercedes Blasco Mercedes Blasco é o que se pode chamar uma escritora hebdomadaria. Ela aparece, com uma regularidade espantosa, quasi todas as semanas, em dia certo, trazendo nos um novro livro de sua auctoria. E a gente espera-a com aquela alegria com que se espera o domingo no fim da semana, para desanuviar o espirito das tristezas da porca da vida. Mercedes Blasco é, neste sertão lisboeta, uma fonte perene de refrigerio.

Agora deu nos ela «Namoradas e Amantes» romance de actualidade que se lê dum trago, com o encantamento de sempre, porque a Mercedes pensa com a cabeça, escreve com as mãos e põe gramatica naquilo que escreve, o que não acontece a muitos homens — laureados escritores...

Do que ela vale, fala bem alto este facto: vive dos seus livros.

Palacio da Justiça Pelo que dos jornais se deduz, ainda não foi definitivamente escolhido o local para o Palacio da Justiça.

Anda a comissão com o Palacio ao colo, daqui para ali. Santo Antoninho onde te porei. Já se chegou até a pensar em edificar o Palacio da Justiça, de Lisboa, na Cidade do Porto, o que não era nada desacertado, porque a Justiça deve chegar a todos. O que acontece porém, é que a justiça ás vezes chega tarde como se está vendo.

DR. ALBERTO CRUZ



Médico distinto, toda a população de Braga o admira e recorre á sua Ciencia, quando se vê alicia. Homem de coração, admira até que ainda não tenha rebentado, de tal maneira o possui grande. Homem de espirito, a sua conversa, a sua graça, a sua vida, tornam-no um companheiro "fixo", digno, portanto, dum lugar de honra na nossa galeria...

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

O Trindade anuncia, para subir á cêna por estes dias, a comédia *O Aldrabão*.

Pelos vistos, a *Escola de Mari-das* não resultou!

Isto é um país de analfabetos. Ainda o *Diario de Noticias* diz que é preciso abrir mais escolas!...

■ ■ ■

O *Estaladinho* no Maria Vitoria.

Uma revista nova, animada por gente moça.

O *Estaladinho* é uma dança.

Pois que a dança se prolongue sem nunca fatigar!...

■ ■ ■

UMA noticia fresquinha:

O escritor sr. dr. Julio Dantas está escrevendo um acto novo com que vai ser amplado o drama *A Severa*, que brevemente subirá á cêna, em *reprise*, num dos nossos teatros.

■ ■ ■

CONVERSANDO, no Chiado:

— O' Dantas, *A Severa*, no Nacional, sempre foi como tu a sonhaste?

— Foi um mau sonho que eu tive!

■ ■ ■

O José Loureiro chamou ao Vasco Santana o «Rei do Carvão». Só por piada. Ele, que é tão branquinho!

O certo é que o Vasco Santana até tingiu a cara de preto.

Mas, ao que nos consta, ele tingiu a cara de preto mas foi por outro motivo.

O caso foi este, em poucas palavras:

Alguem disse ao Vasco que ele não interpretaria o protagonista do *Bambu* com a vivacidade e a alegria requeridas pelo papel.

O Vasco respondeu:

— Eu até tingia a minha cara de preto se não fizesse o papel bem.

Afinal foi o que se viu.

■ ■ ■

A nova peça em cêna no teatro Nacional, a certa altura, um artista diz para um seu colega pouco mais ou menos isto:

— O senhor não tem geito nenhum para galã.

Ora, com franqueza, nem todas as verdades se dizem! Mais a mais deante de gente!...

■ ■ ■

O Gimnasio anuncia a nova peça *A Noite Louca*.

A Noite Louca!

Aquilo é que vai ser uma *premiere*.

Vem de lá tudo doido!

■ ■ ■

UM nosso camarada na imprensa inaugurou no sabado passado um *restaurant*, que uma das mais lindas e galantes actrices do nosso teatro baptizou com o titulo «O Timpanas».

Restaurant! O Timpanas!

Lá vão, se calhar, mais uns direitos para o dr. Julio Dantas.

■ ■ ■

FALA-SE na *reprise* da opereta *Sinos de Corneville*.

E, ac que se diz, é o Sales Ribeiro que vai fazer o papel de «Gaspar, o usurario».

Nariz de avarento já ele tem.

Mas, por outro lado, já se diz que é o actor Joaquim de Oliveira quem vai fazer esse papel.

O Oliveira no *usurario*, no *avarento!*

Isso é que vai ser um papelão...

■ ■ ■

VAMOS ter no Politeama a peça historica *Um Bragança*, desempenhada por uma companhia de azes.

Legítima dúvida



— Não sei se o chauffeur me deixa ir com o peru no taxi. Com patos já eu tenho ido e não tem havido novidade...

Dizem que o actor Clemente Pinto, que faz o papel do poeta João Nunes, recita uma éloga.

Se resultar, podemos informar que o Clemente recitará, todas as noites, uma éloga diferente.

A lá'a de coplas novas!

■ ■ ■

PORQUE razão o tradutor do *Pedro ou Jack* não escolheu, para titulo da peça, este outro, mais legitimo e o espirito da nossa lingua: — *Pedro ou Paulo?*

■ ■ ■

DO nosso colega *Republica*:

«Uma projectada organização teatral, em que figuram como empresarios três actores, está dependente da entrada nessa organização dum importante capitalista».

Mais uma vez se demonstra que não se pode fazer *omolettes* sem ovos!...

■ ■ ■

A *Rosa Engeitada*, na interpretação primorosa de Maria das Neves, ficou definitivamente adoptada no nosso teatro!

Adoptada... e reconhecida! Agora já se pode dizer que tem mãe!

■ ■ ■

LINO Ferreira está escrevendo uma *Carteira do Artista*, no genero de Sousa Bastos. A este bastou-lhe apenas um volume para biografar todos os artistas do seu tempo. A Lino Ferreira, certamente, que não lhe chegam dez. E ainda se ha de resumir muito!...

■ ■ ■

JOSE e Luiz Galhardo constituíram-se em fraternal parceria teatral, estando a traduzir uma peça intitulada *Cura de Repouso*.

Terão um merecido *repouso* se a traduzirem bem!

■ ■ ■

NA revista *Terra Nova*, em cêna no Apolo, ha um episodio intitulado *A morte definitiva da Severa*.

Mas de qual? Daquela ou de todas as outras?

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

"O Espião"

O n.º 5 do jornal *O Espião*, semanário ilustrado de reportagens sensacionais, que será posto à venda no dia 19, insere, entre outros, os seguintes artigos de palpitante interesse:

«Vidas estranhas, perfis de misterio», «A Morgue de Lisboa», «Da ficção à realidade: Julio Verne e o seculo XX», «Os subterrâneos de Lisboa», «De Londres a Edimburgo», todos estes originaes de Jorge Ramos, e «Uma Mulher Fatal», por Casimiro Braga; «A rua do Desencanto», pagina curiosissima de Gualter Cardoso; «Tito Martins e João Verdades», por Mario Casimiro; «Uma noite entre os Filhos da Noite», pagina emocionante de Manoel de Matos; «As misteriosas vidas dos palhaços», «A base da fortuna dum medico illustre», por Rodrigo de Melo; «Os grandes complots internacionais», «Carta da Escocia», e a grande novela profundamente illustrada «Os dramas do predio amarelo», (continuação), que Jorge Ramos subsegue, assinando ainda um curioso relato sobre a vida do celebre facinoroso brasileiro Lampião.

Do n.º 4, publicado no dia 12, ha a destacar o esplendido artigo de fundo «Nós, os reporters», or le está perfeitamente observada a consistencia moral do reporter — trabalhador anonimo e heroi humilde que é a pedra angular de todos os grandes órgãos da imprensa.

O Espião acaba de obter o exclusivo da colaboração de varios jornalistas do Porto e de Lisboa, bem como das memorias do decano dos profissionais de imprensa Augusto S. Boaventura, inserindo num dos proximos numeros colaboração de Virginia Quaresma, Tomé Vieira, Cesar dos Santos, Albano Negrão, etc.



— Sei que vais em *tournee* as ilhas. Qual é a característica da companhia?

— A característica da companhia é não pagar à gente...

Duas anedotas

Na rua, um sujeito todo enfiado, responde agressivamente para um pequeno que o perseguia pedindo esmola:

— Ouviste, garoto. Vai dizer a tua mãe que viste o teu pai...
E deu-lhe 50 centavos.

Tendo adoecido uma actriz que desempenhava uma rábula em certa revista, foi substituída à última hora por uma sua colega, a qual desempenhou o papel regularmente.

Relatava a cena passada entre o Vasco da Gama e o Samorim das Indias, quando o nosso descobridor lhe respondeu: «— Vai dizer teu amo que é assim que o Rei de Portugal paga os seus tributos!»

Ela, coitada, que de historia só sabia aquela que lhe contaram em pequena, do papão que não deixava dormir o menino, tomando ares ingenuos, a certa altura saiu-se com esta:

— Diz lá ao senhor Amorim que é assim que o Rei de Portugal paga os seus tributos!

Ao que o actor que com ela conversava, respondeu:

— Qual Amorim? O do panos crus?...

Curtas e compridas

Alguns anos atrás, quando as saias das senhoras chegavam até aos pés ou, generosamente, se detinham pela altura dos tornozelos, via-se as pernas das mulheres era coisa que tinha certos segredos de observação, se bem que a vontade de as ver e o desejo de as mostrar corresse ao desafio, como agora, em pleno regime da saia curta.

A corrigir haverá, apenas, que esse apetite, dantes contido abaixo do joelho, oscila hoje à roda do terço superior da coxa, o que já não é mau como premio de consolação aos sobreviventes desse tempo.

A rua nada deixava que se visse as imediações das sapatarias *chics* eram os pontos de observação mais rendosos, sobretudo quando se topava lá dentro uma senhora encomendando um parinho de botas de «cano alto», cujas medidas precisava tirar.

Era o momento em que um arregacer da saia mais desvolto podia contentar os curiosos que á porta da sapataria aguardavam que a dama, metendo os pés pelas mãos do caixeiro, estendesse o pernil á medida, a qual nunca ateria pela medida dos seus insaciáveis desejos.

Invejava-se a sorte do caixeiro na posição de côcoras que e'le tomava aos pés da mulher, na sua faina de reduzir a centímetros o calibre da tibia que em toda a sua grandeza se desenhava pela altura da barriga... da perna e, viva o velho!

Um palmo e terça acima dos tornozelos era o maximo a facilitar nas medidas do possivel decoro, a medida das botas encomendadas, se bem que os mirones não estivessem com meias medidas nos calculos com que julgavam adivinhar o contorno do resto...

Em dias de mau tempo, apelava-se para o vento ou para a chuva, que sempre co-honestavam um arregaço mais atrevido e perturbante, embora dentro da craveira do palmo e terça, fóra a cabeça dos esquentados observadores, cuja bitola de visão trepava quando o barometro descia...

Mal supunham os dessa epoca

que, hoje, todas essas gambias outr'ora regateadas e corajosamente defendidas — ás vezes, até, por um pano de fundo a que não eram estranhas umas calcinhas de baetilha — viriam oferecer-se a seus olhos, já então sem deslumbramento, na pujança de todo o teu comprimento sem limites!...

Veio, então, o reverso da medalha, pondo a nú pouco artistico um variado sistema de pernas, umas sem fóra, outras sem fóra, algumas abrindo em arco, outras fechando em tesoura, todas protegidas por defesas accessorias em que os pêlos lembram uma rede de arame farpado que as meias não conseguem dominar nem as proprias varizes fazem desvanecer...

Hoje, com a saia curta, fornecem-se pernas á discreção ou distribuem-se mesmo aos domicilios, e quem as quizer «agarrar» tem nas paragens dos «electricos» um vasto tempo e observação e de regalo.

Ha pernas que nos entram pelos olhos dentro e saem pelas algibeiras fóra, numa super-abundancia que, tendo desvalorizado a mercadoria, tornará possível o retorno á saia comprida, já annunciada nas modas futuras e cujos modelos começam a aparecer nas ruas da Baixa.

Certas mulheres ainda pretendem encarecer o artigo mostrando as pernas para cima da liga, quando sebem para o «electrico», mas tapano-as, logo a seguir, quando, no mesmo «electrico» se sentam na nossa frente.

Mas será tarde, talvez porque a mulher sente, efectivamente, a necessidade de deitar as saias abaixo.

Aos homens restará o pedirem a Deus vida e saúde para assistir á *révanche*, quando de novo a moda as forçar a levantar as salas.

E' que, quando as mulheres agora, envergonhadamente, mostram o que mostram, de presumir será que, com menos vergonha, venham desvendar o resto que falta, para a gente as ficar conhecendo dos pés á cabeça...

LUIZ.



— Para que queremos nós mais Marinha, se já temos uma Marinha Grande?

Graça dos outros

Entre gaiteadores:
Conheces a idade daquela mulher?

— Sim, em parte!

Ela: — Diz-me: o teu amor por mim morreu?

Ele: — Não! Mas está em estado desesperado!...

Pensando estabelecer residencia num arrabalde cuja salubridade lhe recomendaram, um lisboeta perguntou a um morador dali:

— Diga-me: é verdade o que dizem, de ali se morrer pouco?

— E', sim, senhor. Ali, o morrer é uma só vez...

Assalto na rua:
O ladrão: — Mãos no ar e venha a carteira, senão disparo!

A vitima: — Com muito gosto! Mas não faça fogo por vingança, se não encontrar nada na carteira...

Na Companhia dos Telefones:
O director: — Para onde foi a telefonista que ficou surda?
O gerente: — Coloquel-a na secção de reclamações!...

Na mercearia:
— Aqui tem o boião de tomate.
— E como se abre?
— Dentro do boião vai um prospecto que indica a maneira de o abrir.

A mulher: — Com esse vicio do tabaco vais-te, lentamente, envenenando!

O marido: — Não importa! Não tenho pressa!

O «reporter»: — Então em que ano nasceu?

A actriz, hesitando: — Eu lhe digo...

O «reporter»: — Diga apenas o ano em que queria ter nascido!...

Na alfaiataria:
O freguês: — Quando está pronta a minha roupa?
O alfaiate: — Quando me pagar o que me deve!
O freguês: — Não posso esperar tanto tempo!...

Os incorrectos...



— V. Ex.ª não só é fotogenica como é tambem muito fotogenica!

— Se aqui estivesse um policia, eu lhe diria, seu malcreado!

O bode inteligente

Um lavrador muito conhecido em determinada terreola norte-nha, um homem de mil negócios, visto que os negócios estão pela hora da morte, teve a genial ideia de comprar um bode para exploração, mas um bode de alto lá com o cartucho, um autentico barrão, o terror das ovelhas inautas ali das redondezas.

Tal fama ganhou o bicho entre o povinho que, a certo trecho, as encomendas choviam a potes. Tudo em linha conduzia as suas ovelhinhas mansas até ao aprisco do homensinho, para uma cobertura, que era das atestadas, daquelas de pegar logo á primeira impressão.

E tal era a concorrência que, dentro em pouco, o lavrador, como qualquer merecedor, tratou de aumentar o preço da consulta, que era de 2\$50, par. 5\$00.

Assim mesmo. Quem tivesse necessidade dos serviços procreadores do animalejo tinha que largar cinco paus ali á preta — e era para quem queria.

A freguesia nem por isso mingou. E, todos os dias, aquela boa receita ia engrossar as economias do atilado lavreste, ao fundo da area.

O caso deu que falar.

E a Camara da terra, vendo ali um chorudo proveito, não esteve com meias medidas. Comprou, tambem, um bode, dos de pera rui-va e hirsuta, capaz de cumprir, ao que parecia, o seu dever de cobridor aprimorado.

Anuncios nas gazetas e pronto — estava feito o reclamo.

Logo aquella santa gentinha começou de conduzir as suas ovelhinhas aos Paços do Concelho, para o efeito, tanto mais que o preço era menor — apenas 3\$00 cada sessão.

Mas — oh! decepção! — o raio do bode, em frente ás fêmeas, não fazia um gesto sequer. Gréve absoluta. O bruto, em suma, a nada se movia.

Um contratempo dos demonios! Um desconsolo sem igual!

Falhou desta feita o arranjinho municipal.

O presidente, porém, não desanimou. Não era desses... Desfez-se do bicho e entabou negociações com o afortunado lavrador para que lhe fosse vendido o primoroso animal.

— Que não! Que aquilo era um filão, e ele precisava dum arranjo de vida para o fim dos seus dias.

Tanto insistiu, contudo, o chefe do municipio, que por fim a transacção foi feita. E o bode transitou para novos aposentos.

Um bode feliz como burro... Del-tava foguetes de contente, o novo proprietario, e anunciou novamente nos jornais:

«O bode famigerado, excepcional, encontra-se d'ora ávante numa dependencia deste edificio, ás ordens dos seus ex-coeentíssimos clicates.»

Aquilo era só esperar, que ao fim do dia o dinheiro appareceria em barda.

Mas...

Mas, não se sabe bem porquê, o animal, nas novas instalações, resolveu mudar de attitude. Decidiu atirar-se ali para um canto... e nada.

As ovelhas, se virgens se apresentavam, virgens regressavam ás suas moradas, com geral desagradado dos interessados.

Que se teria passado no espirito do barbudo irracional?

O continuo da Camara, um velhote que tambem tinha barba e era feio como um... bode, abeira-se do camarada e desfecha-lhe á queima-roupa:

— Ouve cá, ó bode amigo, porque razão já não és tão atiradico? Estás para aí que nem uma lesma, rais te parta.

— O' meu bruto, — responde o bode — pois tu não vês que eu agora sou funcionario publico?

MAXIM.

A Arca de Noé

Quando, acabado o diluvio, Noé se certificou de que podia, sem perigo, dar saída a toda a bicharia que a enormíssima arca tinha brigado, mandou que todos os animais se colocassem por ordem de grandeza, para que á saída se evitasse o sarilho costumado dos grandes despejos.

A pulga, mal teve conhecimento daquela decisão, saltou furiosa, mordendo a torto e a direito, enraivecida, visto que dessa forma só de ali a oito dias veria o raiar do sol.

O elefante, pachorrentamente, com o ar grave e importante que lhe dava aquella primazia, esperava que lhe fossem abertas as portas da arca, ao contrario de todos os outros animais que, irritados, mal se continham.

Quando se abriram as portas da arca e o elefante começava já a sair, a pulga, que a um canto maldisia a sua pequenez, teve uma ideia luminosa. E, de um pulo — záz! — saltou para aquele apêndice que a maioria dos animais tem na parte trazeira.

Logo o elefante se voltou e, depois de relancear um olhar duro por toda a bicharia, perguntou rangado:

— Quem é que está a empurrar?

ALBAR.



— Que dizes tu daquele tipo, vítima dum erro judicial?
— Não me admira: tambem já fui vítima dum erro judicial: — uma vez absolveram-me!

Elevador da Gloria

Entre amigas:

Maria Antonia: — Se meu marido não estivesse casado comigo, entem roubavam-lhe a carteira!

Maria do Carmo: — Como foi? Prendeste o ladrão?

Maria Antonia: — Não; tirei-lhe a carteira antes de ele sair de casa...

A mãe: — Eu e teu pai vamos divorciar. Escolhe: ou ficas com ele ou comigo.

O petiz: — Nesse caso, como estou comprometido com a menina do segundo andar, que tambem vai ficar sósinha, fico com ela!...

O medico: — Tenha resignação. O seu marido esta muito mal. Aquela cara amarela é mau presagio!

A mulher: — Mas meu marido é chinês!

O medico: — Ah, então isso é outra coisa! Se não fôsse ser chinês, daqui a meia hora estava morto...

O petiz: — Papá! O Fernando é muito mau. Quere agarrar uma mosca para a matar!

O pai: — E tu queres que ela viva?

O petiz: — Não! Queria matá-la eu!...

A criada: — O senhor disse que ficava toda a noite recolhido!

A patrão: — Não o ouviu vir do banquete?

A criada: — Ainda não voltou, minha senhora. Falou do Torel!...

A patrão: — Então você não tem vergonha de sair com os meus vestidos?

A criada: — E' no seu interesse! Toda a gente julga cá na rua que a senhora é tão boa que me dá a sua roupa!

— Porque estás com uma cara tão angustiada, Juliana?

— O' minha senhora, ouvi ler agora, num jornal, que um furacão passou numa cidade da America e varreu a cidade toda, com excepção das mulheres.

— Pois então põha aí os seus olhos, Juliana, e veja lá o tempo que leva a varrer este quarto...

A gorgêta



— Você não acha que a gorgêta é venetosa?
— Sim senhor. Principalmente quando ella é pequena.



O escritor João Rico, autor do recente e rico livro «Fogo nas cinzas», que deve ser lido por... ricos e pobres

NA BOLA

MILAO. 2.—No decorrer duma partida de foot-ball, os jogadores de uma das duas equipes tentaram bater no arbitro. Os jogadores da outra equipe defenderam-no, e seguiu-se uma desordem, durante a qual um dos jogadores puxou duma pistola e deu três tiros, ficando três pessoas gravemente feridas.

(Dos jornais).

A's vezes, costuma a gente inventar, de brincadeira, que já viu um homem nu, de pistola n'algibeira...

E' claro que o auditorio percebe logo a gracola... Pois, se o homem não tem roupa, onde é que ele mete a pistola?

Pois este caso, que contam os jornais, faz-me lembrar a tal falada anedota! Podem-se quasi igualar!

Pois se é possível alguem, de cueca e camisaola, em traje de foot-ball, ter consigo uma pistola,

eu tambem já acredito que não seja brincadeira, andar um homem despojado, de pistola n'algibeira!...

PATO MARRECO.

Cacharolete

Depois da resolução do conflito manchú — apesar das demissões dos ministros Sze e Koo —, outros problemas nos surgem, terríveis, impressionantes, que podem levar o mundo a coisas horripilantes.

Baixa a libra e anuncia Hoover pesados encargos. Surge o problema do Hitler. (Contas largas! Contos largos...) Aumenta todos os dias o numero dos sem-trabalho e a gente nem sequer ganha grã peixeira e para o talho.

Temos á porta o Natal — dia de festa (que festa!) — e a fome é epidemia que todo o globo infesta. Nesse dia dos teus anos, se puder ser, Jesus Cristo, como ha feriado no céu, vem cá a baixo vêr isto!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Numa rua qualquer de capital, onde passei depois,

Vi isto assim em letra garrafal: Mercado Internacional de Lisboa n.º 2.

Puz-me a parafusar talvez um pouco á toa, a vêr se conseguia destriçar onde é a tal Lisboa...

Lisboas — sei de varias, quer finas, quer ordinarias: Ha a Lisboa-Norte... sem poente, sem sul e sem nascente; ha a Lisboa-R... e mais Lisboa-A, Lisboa-P, não sendo de espantar que dentro em pouco, no seu avanço louco, Lisboa não encerre todo o alfabete do principio ao Z... Só o que nunca vi e nunca conheci é essa tal Lisboa n.º 2... E val daí depois penso que ela afinal, com tais exquisites, deve ser a segunda sucursal dos Armazens Gerais da capital, bon loja de colro e cabedal fundada por Ulisses...

ANTONIO AMARGO.

Premios literarios

João Ameal reivindica para si, no *Diario de Noticias*, a ideia de se instituirem premios literarios. Pelo que nós sabemos, ha longos anos — antes mesmo de João Ameal ter vindo a lume — que o *Diario de Lisboa*, sempre que lhe falta assunto, costuma lançar a ideia em duas colunas... para encher. O seu a seu dono.

O brilhante escritor João Ameal só tem uma desculpa para a sua pretendida usurpação: ter tido falta de assunto e ter tido a ideia de reivindicar aquela ideia para si, tambem por falta de assunto.

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O azar do 33

Tenho pelo Brasil uma grande admiração. Conto mesmo, no numero das pessoas minhas amigas, alguns naturais da grande Republica irmã. Devo mesmo dizer que, depois do planeta Marte, o Brasil é o sitio onde eu mais desejava ir na minha vida. O que não evita que, de quando em vez, largue a minha piadinha ao unico, popular e inconfundivel *Lampeão*...

Devemos concordar que, em Portugal, o menos que teria acontecido ao *Lampeão* seria ir, transformado em candieiro-nabo, para a Avenida da Liberdade.

No Brasil, porém, dizem mal, mas simpatizam ao mesmo tempo com o *Lampeão*. O *Lampeão* é engraçado. O *Lampeão* é necessario á actividade da policia brasileira... Vinha isto a proposito...

Não! Daquela vez tinha que ser! Era preciso exterminar definitivamente o terrivel imperador do sertão brasileiro!

E o nosso tenente Juquinha escolheu treze homens decididos a tudo (até a fugir) e dispôs-se a perseguir o celebre bandido.

Entre os soldados escolhidos pelo nosso aspirante a heroi, seguia o 33, rapaz novo, simpatico, boa pessoa, mas dotado dum extraordinario azar. Esse azar, já tradicional no regimento, continuou manifestando-se prodigamente mal a «tropa» começou procurando no sertão as péggadas do *Lampeão*.

Ora escorregava numa pedra e caia desastadamente, ora se picava em aggressivos arbustos...

E de tal forma estava arreigada nos soldados a ideia de que o 33 era, de facto, o rei do azar, que já se vaticinava que seria ele o primeiro a tombar sob as balas do terrivel bandido. Este, porém, não havia meio de aparecer. E era garantido que, ao chegarem a qualquer povoado, tinham noticias de que a celebre quadrilha

acabava de partir. Ao chegarem, porém, á terra seguinte, tinham identica indicação.

E assim, de pesquisa em pesquisa, acabaram os soldados do tenente Juquinha por se perder no sertão, juntamente com o seu comandante.

Ao fim de sete dias, esgotados os mantimentos que levavam, começaram a atacá-los dois adversarios, bem mais de temer que o bandido que procuravam: a fome e a sede. E, mais três dias passados, o pequeno destacamento encontrava-se num estado verdadeiramente deploravel.

Seguam assim, desanimados e tristes, os nossos soldados, quando o 33, o celebre rei do azar, teve uma exclamação de alegria. Muito perto, por detraz duns arbustos, um pequeno rebanho de cabras pastava, tranquilo e feliz. Uma palavra — leite! — assomou, com um sorriso de satisfação, a todos os labros!

E o tenente ordenou: — Corram para elas e cada um governe-se com a sua!

Os soldados não quizeram ouvir mais. E o proprio oficial seguiu o exemplo dos seus soldados, de forma que, dali a pouco, o campo oferecia o estranho espectáculo de um grupo de soldados a mamar, sendo curioso o facto de as cabras serem catorze, o que dava precisamente uma a cada um. Todos aproveitaram, contentissimos, a felicidade que o acaso lhes deparara. Só o nosso 33, triste e abatido, permanecia de pé, junto do animal a que se agarrara.

— Então que é isso, rapaz? — perguntou, pasmado, o tenente Juquinha. — Então tu não tens fome nem sede?

— Tenho, sim, meu tenente! — respondeu, contristado, o rei do azar. — Mas calcule que sou tão infeliz que me calhou o bode!

ANIBAL NAZARÉ.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez Terminou o conflito

GENEVA, 1. — Os delegados das potencias, reunidos juntamente com os representantes japoneses e chineses, chegaram a um acôrdo, tendo terminado por esse motivo o conflito suscitado entre a China e o Japão, com honra para ambas as partes. E' natural que se realize um jantar de confraternização, para o que se constituiu já uma comissão, achando-se aberta a inscrição no Palacio da Paz e na «Brasileira» do Chiado cá de Genebra. — (Especial).

O regosio dos chineses do sul

CANTÃO, 2. — Logo que foi conhecida aqui a solução do conflito, os chineses vivos entregaram-se a manifestações delirantes, dirigindo-se ao palacio do presidente, em ruidosas aclamações pelo triunfo obtido por Sua Excelencia. — (Aves).

O regosio dos chineses do centro

NANQUIM, 2 ¼. — Logo que foi conhecida aqui a solução do conflito, os chineses ainda com vida entregaram-se a manifestações delirantes, dirigindo-se ao palacio do presidente, em ruidosas aclamações pelo triunfo obtido por Sua Excelencia. — (United Press).

O regosio dos chineses do norte

PEQUIM, 2 ½. — Logo que foi conhecida aqui a solução do conflito, os chineses que escaparam entregaram-se a manifestações delirantes, dirigindo-se ao palacio do presidente, em ruidosas aclamações pelo triunfo obtido por Sua Excelencia. — (Especialissimo).

O regosio dos japoneses de toda a parte

TOQUIO, 2 ¾. — Assim que se soube o resultado, os japoneses manifestaram o seu contentamento pela paz. Em sinal de regosio, o Governo japonês mandou bombardear as posições chinesas da fronteira da Mandchuria. — (Especial).

O restamento das relações entre os dois países

CANTÃO, 3. — O Governo do sul da China mandou comprar um peru para oferecer pelo Natal ao Governo japonês. Tem havido dificuldade em encontrar um peru decente, porque por cá andam todos de monco caído. — (United Press).

O governo da China do norte

PEQUIM, 3 ¼. — O Governo do norte, sabedor das intenções do Governo do sul, resolveu oferecer ao Japão, pelas festas do Natal, dois perús e um cartão de visita. — (Especial).

O governo da China do centro

NANQUIM, 3 ½. — O Governo da China do centro, sabedor das intenções dos outros Governos e na impossibilidade de oferecer perús, mandará só os cartões de visita. — (Aves).

A impressão causada pela solução do conflito, ao estrangeiro

PARIS, 6. — Não causou impressão nenhuma a solução do conflito sino-japonez. — (United Press).

LONDRES, 6. — A solução do conflito sino-japonez não causou impressão nenhuma na Inglaterra. — (United Press).

BERLIM, 6. — Hitler, ao saber que o conflito sino-japonez acabou, ficou muito satisfeito, mandando reunir os seus ministros e declarou que a solução do conflito indicava bem quanto pole, perante o mundo, o partido racista. — (Especial).

TIPOS POULARES



Os chinezes dos colares

GRAFOLOGIA

P... FLORRIDA. — Se quiser ser alguém na vida, tem que abandonar dois defeitos horríveis e ganhar uma qualidade. Os defeitos que deve perder são: a mania de ser engraçado e o romantismo surdo que lhe mina o cérebro e que hoje já não existe; a qualidade já deve compreender qual é. Se pudesse ser, devia também mudar o talhe da letra e aprender mais alguma coisa, mas isso é um pouco difícil, porque lá diz o dictado: *Burro velho...*

Outro conselho. Não sonhe nunca com a sua vida de experiências amorosas, porque isso enfraquece. A sua letra revela mais e muito mais, mas para que dizer-lhe, se a sua inteligência não alcança?

UMA BOTA DE ELASTICO. — Pouco culta, mas inteligente. O seu desejo era ser poetisa, mas felizmente para os leitores não sabe rimar nem contar as sílabas. Anseia pela maioridade. Tem um timbre que não é ainda o seu ideal, pois o seu género de homem é um rapaz que tenha a meiguice do Ramon Navarro, a estatura do Baneroff, a graça do Pamplinas, o bigode do Gilbert e o dinheiro do Charlet. Tem o sono pesado e varias amigas íntimas, lê os folhetins do *Notícias* e compra todas as revistas de cinema, com grande desespero da família que diz não saber onde ha de ir roubar para lhe dar. Nunca deve coser sem dedal, para não picar os dedos.

MIMOSA TENTADORA. — A sua letra, pela conformidade e pela semelhança com tantas outras, pouco revela, mas se quiser volte a escrever. No entanto, direi que: Não é romântica, embora deseje sê-lo. Não deseja ser artista de cinema, o que se pode considerar uma mulher invulgar. Gosta do cinema apenas como espectadora. Tem um espirito moderado, cultivado, sabe o que quer ser na vida e pensa, o que também é pouco vulgar nas mulheres. Tem uma ideia da vida muito sua e sabe ser mulher por temperamento. Acha todos os homens vulgares e julga que só poderá ser feliz com um homem que lhe dê todas as liberdades. Sonha com o direito de voto e sorri-lhe a ideia de que um dia possa ainda ser deputada.

O TAL. — Caracter enigmático. Pouco expansivo. Gosta muito pouco de falar. Até ha quem julgue que é mudo. Outras vezes fala por meias palavras. Apesar de não gostar de falar, gosta que os outros falem. E' no entanto ambicioso e a sua ambição de momento é ser guarda-freio dos carros electricos. Já teve tambem outra ambição curiosa: a de ser general do exercito chinês em tempo de paz. Fezto mais reservado que um compartimento dito. Filho de boas familias, é o enlevo dos pais, que o tratam a sopas de leite. Ainda não foi revacinado, o que é para lamentar. O seu maior sonho de gloria era ser campeão de box. Sonho este que é de nascença, pelo que se pode já considerar defeito.

MADAME HARVY.

Madame Harvy dirá nesta secção, a todos que enviarem por carta algumas linhas, o seu caracter. Repetimos mais uma vez que a todos serão, a seu tempo, dadas respostas. Não é necessario voltar a escrever. Da demora que possam ter pedimos desculpa, mas a afluencia de correspondencia é muita e o espaço pequeno.

DESSPORTOS

A esplêndida lição dada pelos Ingleses aos Hespanhois

A victoria por 7-1, da Inglaterra sobre a Espanha, teve uma grande repercussão em todo o mundo. Atendendo aos resultados obtidos pela Inglaterra nos seus passeios á Europa, ninguém supunha um desfecho tão de estorrecer.

A proposito dos citados passeios, ouçamos o que nos diz um periodico espanhol:

«A derrota espanhola foi tão nitida, tão crua, em differença de goals e em differença de classe de jogo, que até absoive os grandes circo, que os nossos cometeram. Nesses 7-1 existe toda a margem que se pretendia... Sempre que-lhe de pé o *foot-ball* britânico, com a sua realidade inabordable na hora dos contractes mais sérios.

Aquellas expedições inglesas, tendo por base feriados ou, se se preferir, *bolos* internacionais, tiveram o condão de encher de esperanças os europeus deste lado do canal.

Eles eram frequentemente derrotados, mas pensavam: «Férias com goals não são férias perdidas».

Chegado o momento de oferecer de verdade o que eles unicamente tinham oferecido com certa latitude na sua *epoca de passeios*, os ingleses tinham fatalmente que demonstrar que um país contando com 750.000 jogadores não pode deixar de ser invencível.

Quanto a nós, a razão apresentada não explica sufficientemente a derrota. Esta deve fillar-se principalmente no *nevoeiro de Londres*.

Durante o desenrolar do encontro, o nevoeiro, em Highbury, era tão intenso que só os jogadores ingleses, acostumados a ele, conseguiam ver a bola. Os pobres dos hespanhois bem procuravam o esférico, mas... nunca o encontraram. O nevoeiro não consentia que eles vissem a bola. Assim, marcaram os ingleses, logo nos primeiros minutos, dois goals.

Disse-se na imprensa que Zamora foi o culpado desses goals. Mas

se ele não viu a bola... Decididamente ha que attribuir a derrota dos hespanhois ao maldito nevoeiro.

No fim do desafio, os hespanhois mostraram mesmo muita surpresa quando foram informados do resultado da partida. Os nossos vizinhos nunca supuzeram que seria possível uma derrota tão desairosa...

Houve jogadores — Samitier, por exemplo — que de modo algum queriam acreditar em tal resultado.

Não admira. Porque Samitier, antes do encontro, profetisava a victoria hespanhola, por um ou dois goals de differença...

A imprensa hespanhola tem denunciado o desafortunado, desta vez, seleccionador Mateus, attribuinte-lhe grande culpa da derrota soffrida.

Vejamos o que, a este respeito, nos diz um jornal de *nuestros hermanos*:

«Agora buscam-se responsáveis. Talvez o seleccionador nacional. Ou Zamora, que consentiu a marcação de 7 goals. Ou Leoncito, Samitier e Hilario, que não marcaram nenhum. Ou a linha média, que não se aguentou. Ou a defesa, que não soube defender aquilo que se lhe havia encomendado...

Não compreendemos este amor proprio tão cerrado que procura sempre nos nossos descertos uma desculpa para não reconhecer o mérito dos adversarios.

Os responsáveis destes 7-1 são os ingleses.

Aqui está uma coisa que, pelos vistos, não se esperava.»

Não podemos deixar de afirmar a razão que assiste ao colega hespanhol.

E ficamos nisto: a culpa da derrota soffrida pela *equipe* de Espanha pertence, em grande parte, aos *jogadores ingleses* e, em menor quinhão, ao *nevoeiro*, de que já tivemos occasião de falar.

JONICA.

Como o mar é visto por...

O meticoloso: — E' verde e azul.
O pescador: — E ainda dizem que o peixe é caro!

O optimista: — O mar é cor de rosa.

O orgulhoso: — O mar e eu!

O contrabandista: — O cúmplice que nunca fala.

O fanfarrão: — «La bebo de un solo trago!»

O invejoso: — Cada vez maior!

O bilioso: — Está verde.

O marinheiro: — Ladrão adorado!

A benhista: — Contanto que não me faça destingir o *maillot*...

O peixe: — Que vida esta! Nem á janca para chegar!

O normalizado: — Cada vez te odeio mais!

O galego: — Como estás cheio de bons peixinhos!

A arca: — «Dá-me os bellos que eu quero...»

O acropiano: — Fica e eu vou.

As rochas: — «Quanto mais a me bates...»

Os dez mil gregos de Xenofonte: — Thalassa! Thalassa!

As algas que ficam na praia: — Pai dematurado!

A sercia: — Isto já não dá nada; tenho que mudar de vida.

O preguiçoso: — Cada vez está mais longe!

O desesperado: — Se eu tivesse coragem!

O medroso: — E se ele um dia se lembra de vir por ai acima?

O enjoado: — Noutra não me apanhas tu!

O colérico: — Ainda o é mais do que eu!

O degradedado: — Se não fosses tão fundo!...

A lua: —

«...Oh, mon miroir fidele.

«Dis-moi que je suis belle...»

O avarento: — Que belo espectáculo gratis!

O suicida: — Esquecer!

O naufrago: — Monstro! Monstro! Não me devores!

A dona do colar de perolas: — Como o mar é rico!

O pescador de perolas: — A's vezes procura-se uma perola e encontra-se a morte!

O apaironado: — Fugir por ai fóra, com ela!

O poeta: — O mar! O mar! O mar! A mais facil rima...

Os beijinhos: — Se tu nos pudeses transformar nos outros...

DR. DAQUIEDACOLA.



O «boxeur», que acaba de ganhar o campeonato, pondo o adversario KO, ao 5.º segundo do 1.º round: — Porque não quero casar comigo, se sabe perfeitamente que sou uma pessoa tratavel e meiga!...

— Quanto mais o progresso avança mais eu gosto de andar de burro. É o unico que se não avaria...

SORTAS GRANDES?

30 o PIRA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

ECOS DA SEMANA

GOSTAMOS MUITO DOS ESTUDANTES ESPANHOIS... MAS AINDA



GOSTAMOS MAIS DAS ESPANHOLAS... VENHAM AS ESPANHOLAS.

ISOLDA LEMBRA TRISTÃO... TRISTÃO OS LIVROS DE CAVALARIA E ESTES LEMBRAM AS ENCADERNAÇÕES NOBRES, AGORA VIVIDAS NAS SALAS DE VALENTIM DE CARVALHO.



- DEIXEM-ME... ESTOU NA IDADE DAS PEQUENAS BÓIAS E NÃO OS POSSO ATURAR... (ISTO DISSE KRISHNAMURTI AOS SEUS ADORADORES)



O APARELHO QUE A C.F.L. POEM A' DISPOSIÇÃO DO PUBLICO PARA FACILITAR A INTRODUÇÃO DA CORRESPONDENCIA NAS CAIXAS, COM OS CARROS EM ANDAMENTO... SÃO AMABILIDADES...



EXEMPLO DE LUSOS SEMI-AMERICANOS QUE VEM COMER O PERU A' MÃE...



ALCALÁ O FIEL MAXIMO DA BALANCA... MAS CUIDA DO COM O PÉSO DOS FIEIS...



QUE É DA MINHA VISTA OU ESTE BRAÇO É MAIS COMPRIDO...

O QUARTETO "KEDROFFF" QUE AO CANTAR A VALSA DE STRAUSS FEZ VALSAR O PUBLICO DE ENTUSIASMO NO TIVOLI...



- A CAMINHO DA PAZ CA TRA PÁS -

MUSSOLINI JA' JUNTOU DOIS GALOS EM ROMA... O BENEDITO BO RABINO GERAL... BREVEMENTE COMEÇARÃO AS RABINICES...

